

A BIOGRAFIA NA HISTORIOGRAFIA: AS TRAJETÓRIAS DE VIDA

E A ESCRITA DA HISTÓRIA.

Greyce Falcão do Nascimento

Doutoranda em História

Universidade Federal de Pernambuco

greycefalcao@hotmail.com

RESUMO

A biografia produz a proeminência do indivíduo na história. E é a história que tem buscado compreender como se produzem determinados efeitos de verdade. A imagem que se cria e o que realmente é, são elementos essenciais para serem discutidos na elaboração de uma biografia. Além da história, há o papel da grande imprensa, que também produz identidades e discursos. O deslocamento analítico pode ser uma prática cotidiana na medida em que temos cuidado com o brilho dos eventos e das notícias. Esse artigo se propõe a refletir como a historiografia tem tratado o gênero biográfico ao longo de tempo e como suas premissas tem passado por importantes mudanças. O quadro monista e unitário da biografia não são mais utilizados na escrita dos historiadores. Busca-se sair de qualquer possibilidade de essência, de representação e de ideal. E a história já não é mais um *dever ser*. Não podemos julgar, mas podemos compreender. Por isso, os personagens adquirem significados distintos ao longo da história. Para os biográficos é imprescindível apreender que imagem foi construída sobre eles na tentativa de resgatar a riqueza e a complexidade do mundo real.

Palavras Chave: biografia, narrativa, historiografia.

Comprendemos que a chamada “tarefa do historiador” tem sido construída ao longo do tempo. O papel do historiador tem passado por constantes transformações desde os tempos de Heródoto. Hoje, o nosso trabalho, está muito mais ligado a uma diversidade de fontes e de possibilidades e a um exercício constante de elaboração da memória. Seja coletiva ou individual. Ainda não é um ofício respeitado e reconhecido como deveria. Em nosso país, sequer temos nossa profissão regulamentada, contudo, percebemos cada vez mais a contribuição da história na luta pela cidadania, democracia e justiça. Muito mais que uma disciplina escolar e acadêmica, a história tem se tornado uma “voz” que lembra a sociedade o seu passado e tudo o que ela vem construindo no

presente. Como temos discutido bastante em sala de aula, não podemos tomar para nós o papel de juiz, nem o de “dever ser”, mas apontar com coerência os caminhos trilhados pelas sociedades ao longo do tempo e como cada elemento e conceito foram sendo construídos.

Ao longo de sua trajetória o conhecimento histórico tem epistemologicamente sido questionado. Suas fontes, métodos científicos, validade, verdade e certezas foram questionadas não apenas por filósofos, literatos, sociólogos, mas também pelos próprios historiadores. Nessa perspectiva, objetividade e a subjetividade aparecem como lados opostos de uma problemática. A objetividade é um conhecimento concreto, que provém do objeto, isento de carga emocional, enquanto que a subjetividade advém do sujeito, com todas as suas particularidades e emoções. No entanto, não estamos lidando com uma lógica matemática aonde o conhecimento objetivo é aquele que reflete o objeto. A objetividade é essencial, também, na construção do que é subjetivo. É preciso pensar, que contribuições a subjetividade pode trazer ao trabalho do historiador. Qual o papel da fala do sujeito, das suas emoções, daquilo que muitas vezes não está perceptível ao primeiro olhar, na construção da história, são perguntas que devemos sempre ter em mente.

A subjetividade não significa por outro lado, a falta de objetividade, de compromisso com a verdade, da veracidade das fontes. Vai bem além, pois a história não é uma ciência objetiva. O historiador é produto e produtor da própria cultura e sociedade. Nossa escrita sempre vai carregar um pouco de nós, de nossa educação, de nossa sociedade, de nosso “olhar” subjetivo. É necessário compreendermos que o fator subjetivo é inerente ao conhecimento científico e as suas múltiplas determinações sociais. Trabalhamos o tempo todo com as relações que os homens e as sociedades construíram e constroem entre si. São nessas relações que percebemos as forças de poder, os combates, as mudanças, as permanências, as influências e inclusive, as subjetividades.

Nesse contexto, procuramos traçar um percurso que tem sido percorrido pelo gênero biográfico na escrita da história. O moderno regime de historicidade abriu possibilidades para figuras plurais. A linearidade postulada pela biografia clássica já não

será considerada intocável. O fato de se considerar o homem como fundamentalmente plural, mantenedor de vínculos diversos, modificaram a abordagem do gênero biografia ao homem comum. Durante muito tempo as biografias eram dedicadas a homens ilustres. A escola dos Annales vai contribuir muito para que uma mudança dessa lógica. No entanto, o gênero biográfico se viu deslegitimado, por razões ao mesmo tempo epistemológicas, e de intenção democrática. Com o "retorno" da biografia os anônimos na história tem encontrado um lugar. O fato de se considerar o homem plural, mantenedor de vínculos diversos, modificou consideravelmente a abordagem do gênero biográfico.

O *Desafio Biográfico*, de François Dosse é uma das obras mais completas já escritas por um historiador da atualidade, para tratarmos do gênero biográfico e de todas as suas variações. Dentre os inúmeros tipos vemos como a biografia modal pretende descentralizar o interesse pela singularidade do percurso a fim de visualizá-lo numa perspectiva mais ampla. No século XIX, as biografias eram consideradas um gênero inferior e desprezado, renegada apenas aos amadores, sendo tratada até os anos 1970 como historieta.

Já para Reinhart Koselleck (2006), o conceito de “história magistra vitae” foi desenvolvido na época moderna, e trouxe a ideia de que a humanidade estava numa trajetória que caminhava para o progresso, numa perspectiva cada vez melhor. Na virada do século XX assistimos a ruptura com o tradicionalismo acadêmico, onde nesse momento, a sociologia se estabeleceu com a pretensão de elucidar os fenômenos a partir de esquemas explicativos que recorrem a lógicas puramente sociais. Nesse sentido, observamos como a Sociologia se colocou esse momento.

Segundo Durkheim (1969), os fatos sociais são coisas, e essas coisas se manifestam pela coerção que exercem sobre o indivíduo. Isso significa dizer que até as atitudes mais individuais tem as suas causas pautadas pelo universo social. Para ele, a sociedade funciona segundo os princípios de uma física social, com um sistema de forças que atua sobre os indivíduos.

Marcel Mauss (2003) desenvolveu o pensamento de que existe a necessidade de uma ciência exata do indivíduo, e de uma fenomenologia da pessoa. No entanto, a sua noção de "pessoa", e "eu", estão ligadas diretamente a um conceito civilizacional específico, o das civilizações ocidentais.

Para Claude Lévi-Strauss (1996) a Sociologia pode representar sozinha a ciência social enquanto que a História estaria apegada a lógica de ordem individual. A História estudaria as pessoas e os fenômenos individualizados, enquanto a Etimologia abordaria os fenômenos do inconsciente de uma sociedade. Acuada no domínio do individual e do inconsciente, a História, segundo ele, representa o nível mais pobre das ciências do homem. Nesse caso, a antropologia daria conta de cobrir o abismo entre as ciências da natureza e as ciências humanas.

Diante de tantas discussões sobre a escrita do gênero biográfico, o historiador também não está ileso a dilemas, pois a redação de uma biografia pode leva-lo a cometer toda sorte de desvios. É preciso manter certa distância do sujeito sobre o qual se escreve. Segundo Bordieu, o sujeito é inconstante, os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, ou, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos de distribuições das diversas espécies de capital que estejam em jogo no campo considerado.

Em Giovanni Levi (1996) vemos como as biografias modais valem como exemplificação, ilustração de comportamento, e crenças próprias a um meio social ou a um instante particular. Valem por sua capacidade generalizante e evocam quase a noção de tipo ideal Weberiano.

Para Lucian Fevre (1956) o sujeito seria resultado dos suportes linguístico, conceitual e afetivo. O indivíduo é aquilo que lhe permitem ser, a sua época, e seu meio social. Portanto, a biografia só é pertinente a títulos e de ilustração das categorias que determinam o curso. O contexto prevalece, e dele o indivíduo é mero reflexo. A legitimação do discurso biográfico por seu valor é como exemplo de um meio mais amplo ou de um momento único, comum entre historiadores biográficos.

Dosse (2009) dá vários exemplos de biografias aonde esse discurso foi válido. O que o historiador procura: seu tema é o contexto histórico em si, e não o indivíduo biografado. Através de percursos singulares fazemos um estudo do período, das relações, das mentalidades, do sistema de valores. Esse é o ponto de vista modal por meio do qual o historiador procura acompanhar o itinerário do indivíduo e dar conta de toda uma categoria social. Essas biografias tem o mérito de conservar a tensão, da própria história, entre a coerência de um destino individual e sua ancoragem na sociedade. O que não quer dizer que o contexto seja rígido, coerente e imóvel aonde os destinos individuais não atuem sobre ele, nem o modifiquem.

A prosopografia é um gênero antigo que tem por objetivo reposicionar as características de grupo esmiuçando as informações sobre todos os seus membros. Nisso se aproxima da biografia, mas sem se deter na singularidade da trajetória de cada um. Os pesquisadores procuram definir tipologias sociais recorrendo a cortes, médias e desvios. A história romana muito concentrada em titularidades favorece particularmente esse tipo de pesquisa. Os estudos partem do ponto de vista individual para chegar ao nível coletivo. O suporte individual é apenas um degrau para se chegar a norma social. Esse método possui três dimensões, tempo, espaço e papel. É a pesquisa dos elementos comuns e dos diversos diferenciais apresentados pelas biografias particulares. Há também pesquisas sociais que recorrem à estatística para ter acesso aos números e as medidas representativas.

Atualmente percebemos uma retomada de interesse pela biografia e sua transformação num gênero mais reflexivo. O retorno ao sujeito nos leva a revisitar a contribuição de Sartre no domínio da escrita biográfica. O filósofo, segundo Alan Buisine, opera aí uma invenção radical: a biografia já não é retrospectiva, mas prospectiva, prenunciadora do futuro. Numa abordagem já existencialista, ele internaliza o externo e exterioriza o interno. Graças a esse método rompe com o esquema da causalidade mecânica, que convém pouco ao gênero biográfico, e abre uma via para articular elementos singulares com a unidade de uma pessoa. Sartre valoriza, pois, a parte reflexiva da retomada de sentido pela pessoa e o que ela pensa sobre si mesma.

Em 1947, o escritor lançou uma biografia que exemplifica bem uma exaltação do sujeito capaz de subestimar as variadas formas de condicionamento de sua liberdade. O percurso que ele retrata do poeta Charles Baudelaire parte de uma escolha de uma brecha fundadora. Sartre, por seu namoro com o Marxismo, reavaliava mais tarde o peso das condições objetivas e históricas que afetam o destino das pessoas, bem como o significado das situações concretas capazes de, frequentemente, impor limites estreitos a liberdade individual.

Entre as condições objetivas e a liberdade de ação abre-se um espaço. Sartre concebe o biografado não como um simples indivíduo, mas como um "universal singular". A pessoa nem é inteiramente produto, nem é inteiramente construção, é a cada instante uma consequência que ultrapassa o conjunto dos pronomes totalizados.

A sociologia contribuiu bastante para o retorno da semiliberdade biográfica graças ao sucesso obtido, nos anos 1970 pelos relatos de vidas anônimas onde se via o mundo a partir de outros olhares. Essa década abriu espaço para a publicação de memórias e testemunhos. O trabalho biográfico e autobiográfico trouxe reflexões sobre as relações entre ficção e história que levou a pensar o que vem a ser a construção de um relato. Como se dá a relação entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa pelo fato de recitar uma palavra e de se incitar alguém a se narrar no relato de vida. Nesse momento, houve uma revalorização da fonte oral até então pouco utilizada. Há um consenso entre os historiadores de que essa forma de história pretendeu dar palavra aos sem vozes, às gentes de baixo, aos oprimidos. Reconheceu a competência própria das testemunhas na capacidade de descrever e, portanto, de explicar os acontecimentos que vivenciaram. Tornou-se um material privilegiado no campo de pesquisa da história do tempo presente.

Daniel Bertaux (2009) sugere fragmentos nos relatos considerando-se sempre como relatos de práticas. Ele contribuiu bastante para remeter ao cerne da pesquisa lógica a dimensão biográfica. O sociólogo Franco Ferrarotti defendeu a concepção dos relatos de vida e praticou a abordagem biográfica à maneira da Escola de Chicago. Ele utilizou o material biográfico como ilustração de um fenômeno global. Desde que se considere a biografia um produto fabricado e uma interação, Ferrarotti acena com a

possibilidade de ler uma sociedade através de uma biografia. Ele pensa que cada ação individual é uma forma de totalização de um sistema social e faz com que este último se torne mais inteligível. Jean-Pierre Rioux percebeu nossa paixão por relatos de vida e o retorno do sujeito após um longo eclipse ao peso das estruturas. No entanto, é preciso utilizar certo número de regras do ofício do historiador na abordagem do novo material. Além disso, é necessário cruzar fontes orais e documentos escritos. A ânsia pelo discurso do vivido nos anos 1970 e 1980 colocou em xeque a questão da autenticidade.

A microhistória, cujos percussores Carlo Ginzburg, Eduardo Grendi, Giovanni Levi e Carlo Porri, ocupa-se de estudos da casa de microcosmos, valorizando as situações limites de crise. Esses historiadores dão mais atenção às estratégias individuais e à complexidade dos elementos em jogo enquanto indicadores das representações coletivas. Carlo Ginzburg em *O queijo e os vermes* envolve o problema da circulação cultural formulada por Bakhtin. O indivíduo não se isola do tecido social, que é o seu, e não pode ser considerado o locus de uma singularidade. O italiano Arsenio Frugoni também foi um dos precursores da biografia como entrada privilegiada na microhistoria. Frugoni confrontou as versões dos fatos como versões diferentes num ponto de vista parcial.

Na obra de Michel Foucault sobre Pierre Riviere vemos o percurso biográfico sobre o caso excepcional de um parricida. O objetivo dessa escrita consiste em reconstituir a lógica própria dos vários discursos de saber/poder que procuravam tornar inteligível o parricida. *Vidas paralelas* também vai inverter a perspectiva de buscar nomes ilustres e ir ao encontro de vidas esquecidas e despedaçadas, abordando um ponto de vista biográfico que é o avesso das mobilizações de edificação moral.

Michel Vovelle dedicou o trabalho a personagens anônimas, olvidadas, repudiadas, chamadas "exceções comuns", numa maneira de expor sua crise pessoal através de um tom suave e ao mesmo tempo patológico. O moderno regime de historicidade também abriu possibilidades para figuras plurais. A linearidade postulada pela biografia clássica já não será então considerada intocável. O fato de se considerar o homem como fundamentalmente plural, mantenedor de vínculos diversos, modificaram a abordagem do gênero biográfico.

Após o lançamento da revista dos Annales pelos historiadores Lucian Febvre e Marc Bloch, a história das mentalidades passou a favorecer o caráter impessoal, não percebido, que regula as práticas sociais, enfatizando a dimensão de ordem psicológica. Há uma percepção de que a opção pelos fenômenos de massa diminui o peso dos indivíduos na História, privilegiando o jogo das forças coletivas em detrimento do papel dos indivíduos. O marxismo também não reservou às lógicas individuais, um lugar significativo. François Dosse criticou esse tipo de escrita, pois à medida que os historiadores atribuem a esta, ou aquela sociedade, uma determinada mentalidade, correm o risco de perpetrar gerações abusivas ao minimizar as múltiplas variantes individuais. A escola dos Annales também contribuiu para uma mudança da lógica da escrita de biografias, que privilegiava homens ilustres e passou a abranger também homens comuns. Com o "retorno" da biografia os anônimos da história tem encontrado um novo lugar.

Para isso, também contribuiu o retorno progressivo do sujeito durante os anos 1970 que permitiu a Roland Barthes trabalhar os pequenos detalhes, que por si só, podem dizer tudo a respeito de um indivíduo. O biografema surge com a morte e traz um detalhe distanciado e revelado de uma singularidade. Permitia um tipo de arte da memória, a evocação possível dos outros que já não existem. O autor propõe uma evocação superficial por meio de um detalhe distanciado e revelador, uma singularidade não definidora. Barthes escreveu uma autobiografia, não linear, feita de informações parciais e dispersas, aonde adota os biografemas. O filósofo também escreveu uma biografia do historiador Julie Michelet em 1954. *“Procurei apenas descrever uma unidade, não explorar-lhe as raízes na história ou na biografia”*.

A pluralização de identidades ensejou uma renovação positiva das biografias de líderes políticos. A biografia propriamente política sugeriu um deslocamento de óptica na relação entre o indivíduo e seu contexto ideológico. Alguns estudos de politicólogos visam ao coletivo com base no acúmulo de materiais de ordem biográfica. É o caso, a propósito, dos militantes do Partido Comunista da obra de Bernard Pudal.

Outro tipo de biografia é o enfoque de vidas que continuam além da morte das personagens biografadas. Essa existência póstuma é particularmente intensa no caso dos processos de cristalização em torno de heróis constitutivos de identidades nacionais.

Em outro contexto, a psicanálise freudiana também se dedicou ao estudo biográfico de grandes homens, quase sempre escritores célebres. Freud escreveu *“Moisés e o monoteísmo”* num espaço entre ficção e história. A obra não é apenas um estudo sobre a tradição judaica, mas também, e com maior razão, um exame da escrita no qual se coloca a relação de Freud com o trabalho científico e com a tarefa da escrita. A psico-história na escrita da biografia histórica desloca a questão do porque, a clássica questão de comodidade, para a dimensão psicológica e individual dos fenômenos históricos.

Freud (1996) não quis ser biografado embora muitos de seus estudos lembrem esboços biográficos. O que Freud ensina aos biógrafos é toda uma sintomatologia, segundo a qual os fatos não falam por si mesmos, mas são tomados numa sequência significativa, de sorte que o cotidiano diz mais que as fases da crise. Freud conforta o historiador ou o biógrafo em sua tentativa de deslinearizar o tempo, de romper com as visões teleológicas, a fim de captar as discontinuidades temporais, o fenômeno posterior, portanto, à heterocronia do psiquismo. De toda forma é preciso ter cautela, pois esses esquemas reduzem a singularidade de cada um a partir de uma tipologia. E sabemos que nem todos se encaixam nesses arquétipos.

O psico-historiador atentará mais para os fenômenos patológicos do que os normais. Causalidade única, trauma que irá “determinar” os comportamentos ulteriores e que podem interferir a qualquer momento da vida do indivíduo. Temos como exemplos as biografias de Binion sobre Andrés Salomé, Leopoldo II e Hitler. Esse tipo de escrita traz uma tese muito redutora, mono-causal e que nega a pertinência de fenômenos coletivos para a explicação histórica. Saul Niellander diz que é preciso articular o ponto de vista psicanalítico com a dimensão histórica e coletiva das sociedades.

Para Alain Buisine (1991) não existe um método único para redigir a biografia de um autor. “Para cada escritor é preciso inventar uma forma nova e específica de biografia”. O enfoque muda conforme o biografado, escolhendo arbitrariamente seu “biografema”. Procurou romper a continuidade casualista de uma narrativa sequencial da existência, segundo uma perspectiva teleológica. Ele fez uma biografia de 24 horas de Marcel Proust. Há nesse caso uma tensão entre ficção indispensável e veracidade controlada dos elementos de informação utilizados.

Outra biografia; agora de Alain Buisine, sobre Paul Verlaine, escolheu uma postura inteiramente diversa, que é a do retrato do poeta, de seu corpo. Trouxe um biografema significativo e procurou escrever o que chama de *biografia corpo gráfica*. Já a biografia de Alain Buisine sobre Pierre Loti, trabalhou com temporalidades diferentes a fim de recuperar a contradição vivida por esse oficial de marinha que se tornou escritor.

A construção de identidades políticas também está presente na escrita biográfica. Annie Collovald escreveu sobre Jacques Chirac como exemplo desse novo olhar dos politicólogos no domínio biográfico. Não se limitou a um simples relato do itinerário pessoal do líder gaulista, mas investigou a cada passo sua eficiência e o que ele simbolizava como ícone. Annie procurou analisar o que Jacques Chirac é, e o papel que lhe atribuem. Ela constrói uma trajetória linear em três tempos.

Já Jean Patrice Lacam se inspirou no modelo econômico da maximização do euro para analisar a coerência das escolhas feitas por políticos. Vê o político gerenciando sua carreira, como o empresário que calcula o valor de seus investimentos.

Para Dilthey (1989) a possibilidade de “reviver” a experiência histórica é também um terreno de experimentação. O autor considera a biografia um gênero histórico por excelência sendo uma maneira privilegiada de dar conta da riqueza da existência humana, pois é a partir da interação constante entre o mundo e a pessoa que evolui em meio a histórias cruzadas que se constitui a singularidade dos múltiplos percursos que formam uma sociedade. Já Paul Ricoeur nos leva a pensar a tensão, o

dilema de todo biógrafo entre a reprodução do caráter intangível do sujeito biografado e as mudanças que ele experimenta ao longo da existência.

O retorno as biografias históricas, nos faz refletir em como o sujeito é capaz de subtrair-se às variadas formas de condicionamento de sua liberdade. Livre escolha, condicionamento, determinismo, o peso das condições objetivas e históricas, são questões importantes para o historiador biógrafo. O modo como o sujeito percebe a situação e o sentido que lhe atribui podem ser um aspecto muito importante para entender sua conduta. Os indivíduos se valem de uma palavra singular, mas constituem entre si redes de sociabilidade que devem ser levadas em conta pelo pesquisador.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. *El discurso de la historia*. En *El susurro del lenguaje. Más allá de la palabra y de la escritura*. España: Ediciones Paidós, 1994.

BERTAUX, Daniel. *Le récit de vie*. Paris: Nathan, 2009

_____. *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. Prefácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 183-191.

BUISINE, Alain. *Biofictions*. In: *Le biographique. Revue des sciences humaines*, vol. 88, nº 4, oct.-déc. 1991, p. 8-13.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, 153 páginas. Tradução Nilo Odalia.

DILTHEY, Wilhelm. *Introducción a las Ciencias del Espíritu*. Madrid: Espasa-Calpe, 1948 *Introduction to the Human Sciences. Selected Works, Vol I*. MAKREEL, R.A; RODI, F. (orgs). New Jersey: Princeton University Press, 1989.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DURKHEIM, Émile. *Lições de Sociologia – a Moral, o Direito e o Estado*, 1969 - Editora da Universidade de São Paulo, 2ª edição.

_____. *As regras do método sociológico*. (Trad. Paulo Neves) São Paulo: Martins Fontes, 1894.

FEBVRE, Lucien. *Martin Lutero, un destino*. México: Fondo de Cultura Económica, 1956.

FOUCAULT, Michel. *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão: Um caso de parricídio do século XIX apresentado por Michel Foucault*. Trad. Denize Lezan de Almeida. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

_____. *A vida dos homens infames* in: *Ditos e escritos*, v. 4. Trad. Vera Lucia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006. _____. “O que é um

autor?” in: Ditos e escritos, v. 3. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2009.

_____. *A arqueologia do saber*. Trad. L. F. B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Moisés e o monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1996

GRENDI, Edoardo. *Repensar a micro-história?* In: REVEL, Jacques (org.). Jogos de escalas. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____. *Microanálise e história social*. IN: OLIVEIRA, Monica Ribeiro & ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. Exercícios de micro-história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *A micro história e outros ensaios*. Lisboa: DIFEL, 1990.

KOSELLECK, Reinhardt. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Editora PUC Rio, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

_____. *Anthropologie structurale deux*. Paris : Plon/Pocket, 1973.

LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

_____. *Sobre a micro-história*. In: BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

LIMA, H. E. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. *Baudelaire*. Paris: Gallimard, 1947.

RIOUX, Jean-Pierre. “L’ Histoire et le récit de vie”. *Revue des sciences de l’homme*, n. 191, 1983.

